

# Jornal O Cola

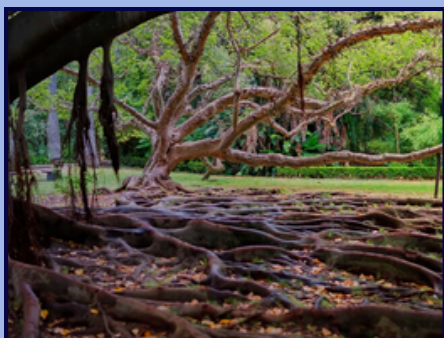
## De Letras Para Letras



## A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO ESTUDANTIL EM LETRAS

«Com tudo isto, nós queremos dizer que a vida universitária é muito mais do que livros e aulas. É sobre encontrar a tua voz, explorar as tuas paixões e construir memórias que durarão para sempre. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), os núcleos estudantis são o coração dessa experiência, oferecendo um espaço para que cada aluno encontre o seu lugar, faça amigos e deixe a sua marca» **p.6**

## AGENDA ACADÉMICA



O Jornal O Cola dá-te a conhecer os eventos que a Faculdade de Letras e a Universidade de Lisboa organizou para ti: desde festas a workshops, congressos, entre outros!

## A Minha Mãe p. 31

«Já há muito aceitei que este é o meu fado, mas não sei porque é que olhar para ela, com toda a sua fragilidade característica da idade, me pesa tanto. Talvez seja a inocência que ela carrega, uma inocência que eu perdi há muito» **p. 31**



## Poço do quintal p. 16

«E com elas regamos flores, como faz a minha avó, cuidando do seu jardim no quintal atrás da casa, enquanto o meu avô, sentado, a vê, suspira e profere frases que ela não ouve» **p. 16**

---

# Nota de Abertura

Cares leitores,

Esta é a última edição que lançamos enquanto Direção do *Jornal O Cola*. Foi um prazer termos integrado esta equipa nos últimos dois anos, primeiro como colaboradoras e eventualmente como parte da Direção. Fazer parte d'*O Cola* deu-nos a oportunidade de experienciar o verdadeiro espírito do associativismo estudantil em Letras, permitindo-nos colaborar com estudantes o que não teríamos tido a oportunidade de conhecer de outra forma e interagir com os outros núcleos desta comunidade. Tudo isto contribuiu para enriquecer a nossa experiência na FLUL.

Decidimos dedicar a primeira edição deste ano letivo — a 12ª do Jornal — à importância do Associativismo Estudantil por isso mesmo, consideramos que a participação na vida académica da FLUL foi algo que nos acrescentou imenso valor quer a nível pessoal quer a nível académico. Consideramos que todos vocês beneficiariam do contacto com os núcleos estudantis que existem nesta faculdade. Assim, compilámos testemunhos e mensagens que os membros de cada um deles têm para vocês, numa tentativa de vos tornar mais acessível o contacto com estes e de antecipar o vosso envolvimento com os mesmos, para que possam começar a beneficiar disso o mais rapidamente possível, dentro do vosso percurso académico.

Nesta edição, poderão ainda encontrar textos literários sobre inspiração, libertação, esperança, perda, remorso, confusões, amor e outros aspetos intrínsecos à experiência humana, que decerto farão parte da vossa jornada pessoal durante os próximos anos.

Despedimo-nos com o apelo a que se envolvam na vida académica, que se juntem aos núcleos estudantis e participem nas atividades por eles organizadas. São este tipo de eventos que tornam o nosso tempo na FLUL mais bonito.

Desejamo-vos um fantástico ano letivo e um excelente percurso académico — que aproveitem tudo aquilo o que esta instituição tem para vos oferecer!

A Diretora e a Subdiretora,  
Matilde Mala e Mafalda Vale

# Top 5 Aplicações Úteis Para Estudantes

## 1. Quizlet

O Quizlet cria flashcards e jogos interativos para auxiliar na memorização de conteúdos. Esta *app* é ótima para rever matérias e para te preparares para testes de forma divertida e interativa. Com mais de 700 milhões de conjuntos de *flashcards*, tecnologia IA e a possibilidade de criares o teu próprio conjunto, esta é uma opção ótima para todo o tipo de estudantes.

## 2. My Study Life

Organiza e recebe lembretes do teu horário, trabalhos de casa, estudos e exames aqui. Com esta aplicação, podes acompanhar o teu progresso e avaliações em qualquer lugar e dispositivo, visto que também pode ser acedido via web e sincroniza perfeitamente entre o telemóvel e o computador.

## 3. Flashcards World

Esta *app* permite criar e estudar com flashcards digitais ilimitados de forma eficiente, o que permite memorizar com facilidade, estudar em qualquer lugar, acompanhar o teu progresso e personalizar a tua experiência. Funciona totalmente *offline* e permite gerenciamento total dos baralhos em qualquer dispositivo. Como modos de teste, jogos de memória e cartões de revisão, é ideal para quem prefere uma aplicação de *flashcards* sem IA.

## 4. Evernote

O Evernote é a aplicação ideal para organizar notas, ideias e informações importantes, sincronizados em todos os teus dispositivos. Com esta *app*, podes criar cadernos, adicionar *tags* e anexar arquivos. Podes reunir as suas notas, tarefas e cronogramas para ficar em dia com a tua programação, utilizando ferramentas como o Tarefas e o Calendário Google em conjunto.

## 5. Forest

A Forest vai ajudar-te a manter o foco e a evitar distrações durante o estudo, transformando o tempo de concentração em árvores virtuais. Após plantares a tua semente, ela crescerá até ser uma árvore e posteriormente uma floresta, permitindo que visualizes o teu progresso. Com a versão PRO, estás a contribuir com árvores verdadeiras na Terra, perante restrições financeiras, com a ONG Trees for the Future.

## fim

Autoria: Xavier Cardoso  
Edição: Maria Rodrigues  
Ilustração: Maia Aguiar

nunca me conseguiria matar,  
amanhã há um pôr do sol para ver.  
não consigo acabar tudo e não voltar,  
tenho muitos livros para ler.

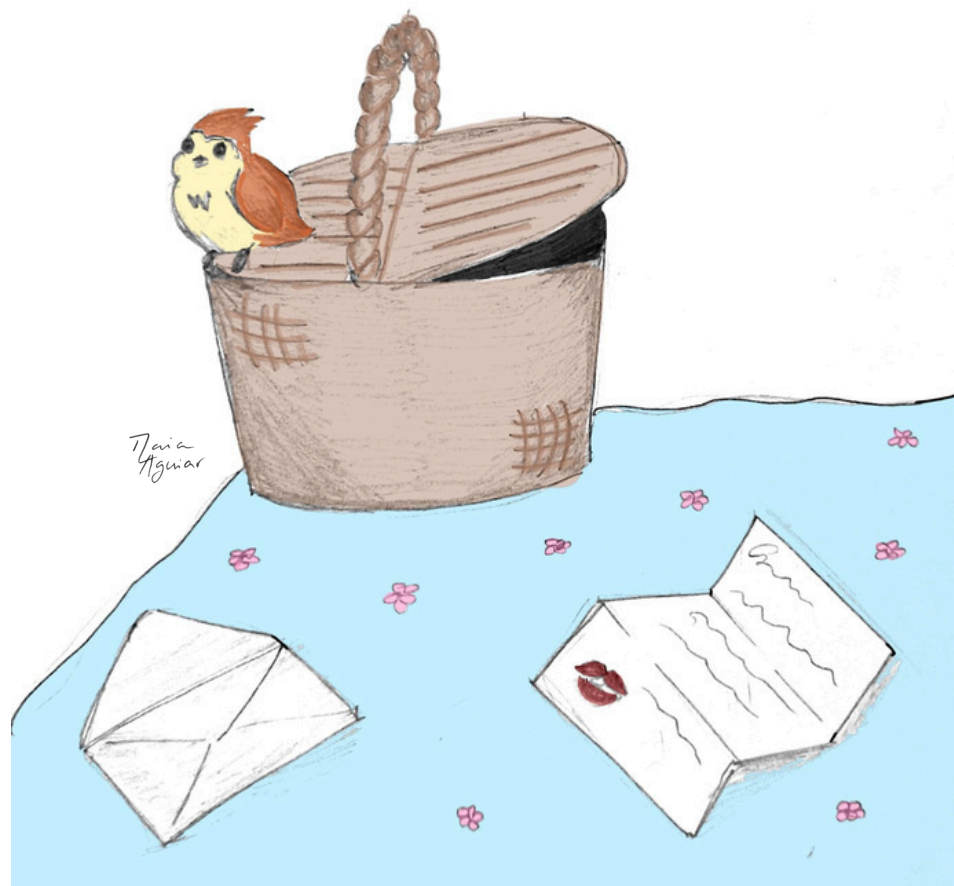
o fim da vida não me encanta,  
enquanto houver um pássaro que canta.

é quando o mar secar  
que vou tratar de me matar.

somos eternos  
seres externos,  
interiores como infernos,  
corações como invernos.

amanhã estou cá  
e espero que tu também.  
viver não é bonito  
sem o nosso alguém.

dá-me um beijo antes de saíres pela porta.  
façamos um piquenique nesta primavera morta.



## Aos pés de uma romãzeira

Autoria: Carson  
Tradução: Mafalda Vale  
Ilustração: Maia Aguiar

Aos pés de uma romãzeira, sento-me em silêncio. Desde a minha infância que vejo as estações passar por este lugar, uma após a outra, levando consigo as folhas e as flores, deixando-me apenas este tronco, cujos ramos nunca carregaram qualquer fruta. Tem sido o meu refúgio e a minha única amiga desde que me lembro. Isto é, até te conhecer.

Aos pés de uma romãzeira, sento-me em silêncio. Adotei o hábito de trazer comigo um cesto de frutas, demasiado maduras para vender e demasiado saborosas para deitar fora. Enquanto as despedaço uma a uma, tenho um vislumbre de uma sombra – a tua sombra – a aproximar-se, até que perguntas se te podes juntar a mim. É assim que nos começamos a encontrar todos os dias, naquele fatídico verão, partilhando não apenas a nossa colheita mas também o nosso tempo, rápidos olhares e, mais tarde, o nosso amor.



Aos pés de uma romãzeira, sentamo-nos juntas. Eu conto-te sobre o meu passado e tu contas-me sobre o teu – como costumavas passar os verões naquela casa antiga à beira rio, e a tua esperança de que, um dia, os teus filhos fizessem o mesmo. Comemos cestos de fruta madura – figos, pêssegos, uvas – e falamos o dia inteiro sobre os nossos medos e sonhos, fazendo planos em conjunto, sem

saber que eles seriam interrompidos. E, nesse dia quente de verão, tomada por uma força maior do que a minha, acaso obra do destino, que talvez soubesse que seria a última vez que te veria, finalmente expusemos os nossos sentimentos, os teus e os meus, e nesse momento trocámos o mais doce abraço, tornando-nos um só. Se ao menos eu soubesse que alguém nos observava...

Aos pés de uma romãzeira, sento-me em silêncio. Muitos anos se passaram desde o nosso último encontro. O rio secou, talvez por sentir a tua falta tanto quanto eu. Contaram-me que, depois de seres apanhada, foste proibida de passar tempo naquela casa antiga e, mais tarde, forçada a casar com ele – aquele que nos apanhou, de todas as pessoas – e talvez até a ter filhos. Não consigo evitar sentir um certo peso, na consciência ou no coração, sabendo que sou responsável por isso.

De súbito, cai uma romã solitária no meu colo – pequena e delicada – e, ao dividi-la ao meio, metade para mim e metade para ti, sempre para ti, esta doce fruta, nascida do nosso amor e do tempo que passámos juntas, deixa o sabor daquilo que foi e do que podia ter sido na minha boca. Agora, após todos estes anos, sinto-me finalmente envolvida por ti – o teu toque, a tua voz, a tua presença. Fecho os olhos e oiço o som do vento a serpentear pelas folhas e pela relva, imaginando que é a tua voz.

Em breve, restará apenas o silêncio.

## Naufrágio

Autoria: Laura Rosetti  
Edição: Ricardo Cerdeira  
Ilustração: Maia Aguiar

despeço-me dos pedaços  
de passado que  
sobraram.

não fico a recolher  
fragmentos  
que naufragaram

terra firme, finalmente,  
submergem pesos  
que já não têm  
quem os sustente.

desçam as cargas  
ao fundo das águas

que o antigo não basta,  
não presta,  
me cerca, esgarça.

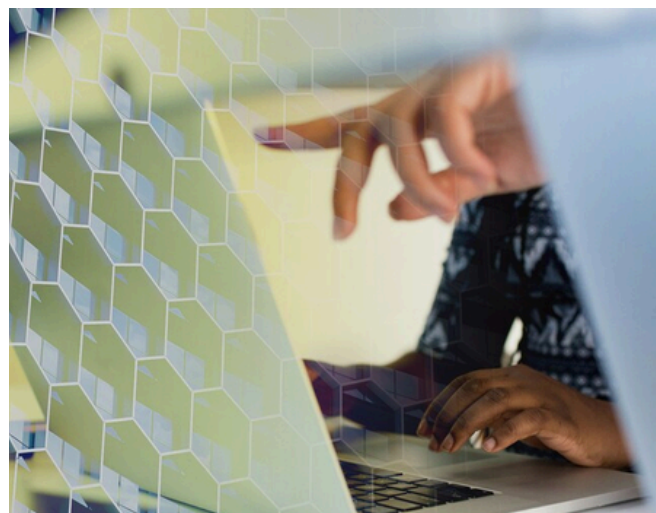
só resta  
sair da casca



### Workshop 4: HE Projetos Colaborativos Introdutório

Este *workshop* está inserido no âmbito da formação ULisboa de preparação de candidaturas a financiamento europeu de investigação. Serão trabalhados princípios de escrita gerais, e específicos como por exemplo objetivos, estado da arte, metodologia, impacto, atividades e qualidade. Todas as sessões serão conduzidas em português, mas os materiais da formação estarão em inglês.

O evento decorrerá de 8 a 10 de outubro, na Reitoria da Universidade de Lisboa.





# A Importância do Associativismo Estudantil

## REPORTAGEM

O associativismo estudantil é um dos principais componentes da vida universitária, presente em todas as organizações e núcleos criados por estudantes. Este fundamental pilar académico é um conceito, por vezes esquecido, que se refere à mobilização de estudantes em grupos. Resumidamente, estes grupos são «associações de estudantes que representam os estudantes do respetivo estabelecimento de ensino [...]» (Diário da República, n.d.).

Estas associações têm os seus objetivos e interesses distintos em várias esferas, mas todas compartilham um objetivo comum: fomentar a participação ativa na vida estudantil e universitária. Afinal, «o Associativismo Juvenil é um importante espaço de aprendizagem», através do qual os jovens «têm oportunidade de aprofundar relações, conhecimentos e vivências, contribuindo, assim, de forma comum e plural, numa dimensão sociocultural e socioeducativa, para a progressiva melhoria da sociedade» (Educação E Associativismo - Para Além Da Escola..., 2001, p. 18).

Com tudo isto, nós queremos dizer que a vida universitária é muito mais do que livros e aulas. É sobre encontrar a tua voz, explorar as tuas paixões e construir memórias que durarão para sempre. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), os núcleos estudantis são o coração dessa

experiência, oferecendo um espaço para que cada aluno encontre o seu lugar, faça amigos e deixe a sua marca.

A pluralidade é a marca registada do NUCIVO, por exemplo. Se gostas de discutir filmes em longas conversas com outros cinéfilos, escrever críticas, organizar eventos, construir uma rede de contactos no mundo do cinema ou simplesmente aprender mais sobre essa arte que tanto encanta, encontrarás aqui o teu lugar. Este é um espaço aberto e inclusivo onde todas as vozes são ouvidas e todas as paixões são celebradas.

Para o NECA, o associativismo estudantil é crucial para que os estudantes tenham voz ativa na universidade. É uma maneira de enriquecer a vida académica, servindo como canal para expressar os interesses e necessidades de todos, desde os caloiros até aos veteranos.

Como tal, o NECA tem organizado projetos como a curta-metragem como “Auspicium”, que estará disponível brevemente, e a exposição “Conta-me Uma História”, na qual os participantes contam histórias e revivem memórias através da arte. Mas a diversão não acaba aí: o NECA desenvolve ainda eventos notáveis, além dos seus projetos pessoais e coletivos. A NEC’onversa, a NEC’lamação de Poesia, Jam Sessions e o NEC’raoake. E apesar de ainda não ser possível devido à falta de membros, o NECA tem em mente realizar visitas de estudo a locais como museus e cinemas. Esta experiência pode ser enriquecedora para qual quer aluno, mas especialmente para os novos alunos, visto que proporciona uma base segura para que não se sintam perdidos. Quer tenhas um talento, quer queiras descobrir um novo, o NECA recebe-te-á de braços abertos. Além disso, esses grupos formam uma comunidade ideal para conhecer pessoas, fazer amigos e desenvolver novas competências e projetos.



NECA

O NAH salienta que o associativismo estudantil é uma forma de ajudar e acompanhar os estudantes de dada instituição, através de medidas de apoio, eventos sociais e divulgação da tal. O NEG concorda, reiterando a importância do envolvimento na vida universitária para o crescimento pessoal. Em cursos que permitem percursos tão variados como Estudos Gerais e Artes e Humanidades, a participação nos núcleos de curso - NEG e NAH, respetivamente - pode desempenhar um papel ainda mais importante. A ideia por detrás do NAH surgiu da perceção de que os percursos académicos diversos dos alunos de Artes e Humanidades podem dificultar a criação de laços. O núcleo procura quebrar essa barreira com um ambiente descontraído e acolhedor, onde todos se sintam à vontade para tirar dúvidas e fazer

amizades. No NEG dá-se algo semelhante: o núcleo procura “ser um refúgio para os alunos que, muitas vezes, se sentem desorientados entre as inúmeras opções e desafios deste curso multidisciplinar”. Como tal, estes núcleos são espaços privilegiados onde encontrarás um ambiente acolhedor de entreatajuda e apoio, propício ao surgimento de amizades e parcerias duradouras, que contribuirão para uma experiência cada vez melhor na tua Licenciatura.

Como a NostraTuna indica, participar num núcleo não é só fazer e participar em algo de que gostamos, mas também aprender e criar relações, seja com os demais, seja com a comunidade. O associativismo estudantil é, sem dúvida, um movimento que emana dos próprios estudantes e se dedica a todas as dimensões da vida universitária. Como bem destaca o NUCIVO, ele abraça e impulsiona tanto a esfera social quanto a académica, criando um espaço de pertença e de desenvolvimento integral. Um exemplo pertinente é o movimento ambientalista, que encontra eco na atuação da SEE FLUL. Na SEE-FLUL é construída uma comunidade preocupada na luta contra as alterações climáticas (que celebra também os pequenos sucessos que vão existindo). A luta pela sustentabilidade exige ação coletiva, e o associativismo estudantil é fundamental para reunir pessoas que compartilham os mesmos valores e preocupações.



**É um refúgio para quem procura um ambiente de convívio e partilha, especialmente para os caloiros que se sentem um pouco perdidos no início da jornada universitária.” - Nostratuna**



NostraTuna

Nesses núcleos, floresce um senso de comunidade, onde a inclusão e a solidariedade são predominantes. Mas o associativismo vai além da união em torno de causas. Ele é um catalisador da cidadania ativa, impulsionando a organização de atividades socioculturais que dinamizam a vida académica. Essas iniciativas não apenas fortalecem os laços entre os estudantes e a dinâmica de grupo, mas também desenvolvem competências individuais fundamentais para o sucesso pessoal, académico e profissional de cada estudante.



R.A.T.A.

A RATA, enquanto tuna académica, dedica-se ativamente a defender os direitos dos estudantes e a criar um espaço seguro onde todos se possam expressar livremente. Com esse objetivo em mente, elas empenham-se em oferecer oportunidades gratuitas de aprendizado musical, de certa forma democratizando o acesso à cultura. Esta tuna destaca-se pela sua participação ativa em iniciativas que promovem o bem-estar da comunidade académica, visto que estas experiências são essenciais para combater a solidão e a monotonia que podem surgir durante os anos universitários. Elas entendem que o associativismo estudantil só se fortalece quando todos se envolvem ativamente, visando um bem maior. Mas elas não são as únicas! Na Inoportuna, o movimento associativo-estudantil é tão relevante que a sua participação foi incorporada nos estatutos da tuna. Eles reconhecem que este movimento é fruto de uma longa luta dos estudantes pelos seus direitos, desde a resistência à ditadura até as batalhas mais recentes, como a luta contra a propina e pela criação de uma cantina pública. É através do associativismo estudantil que os estudantes se unem e desenvolvem as suas causas, organizando manifestações como a do Dia Nacional do Estudante e reivindicando melhorias

concretas para a educação. Como uma tuna profundamente conectada à vida académica e revendo-se nas suas justas reivindicações, eles consideram essas lutas essenciais para a garantia de um Ensino Superior mais justo e acessível. A Inoportuna acredita que, sem o associativismo estudantil, o já limitado espaço para cultura e lazer nas universidades estaria ainda mais ameaçado. A LEA salienta um facto: todas estas atividades extracurriculares ajudam a desenvolver competências cívicas, sociais e profissionais que podem ser úteis no futuro, além de facilitar a criação de relações interpessoais e de proporcionar um sentimento de pertença a um grupo de pessoas com um objetivo ou interesses em comum. Como podes ver, tens ao teu dispor desde núcleos em que as atividades se assemelham a atividades com amigos a núcleos para enriqueceres o teu percurso intelectual. Aliás, como aponta o núcleo Páginas Transcendentes, é fundamental para a respiração saudável de uma universidade que os alunos possam ser uma força criadora capaz de dinamizar e enriquecer a vida académica via novas ideias, projetos e perspetivas. Neste ano letivo, suas atividades deste núcleo vão-se expandir além dos já existentes clubes de leitura e conferências para atividades viradas para fora da faculdade! Aqui poderás participar ativamente nas atividades e construir uma comunidade com colegas curiosos e dedicados que, assim como tu, buscam ir além do “percurso necessário” imposto pelo curso. Além dos benefícios sociais evidentes, mencionados anteriormente pela LEA, o carácter coletivo dos núcleos estudantis também promove o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Isso cria um espaço fértil para o desenvolvimento e a discussão interdisciplinar, ambos de extrema importância para a formação de cidadãos



Liga de Estudos Asiáticos

críticos. O maior evento realizado pela LEA, organizado todos os anos no final de cada ano letivo, é o Festival das Culturas Asiáticas que se divide em 4 dias: Ásia Oriental, Sudeste Asiático, Médio Oriente e Ásia do Sul.

Afinal, a academia não se limita a um tema ou disciplina, e o associativismo estudantil divulga e promove atividades desde o recreativo e social até ao histórico. Um exemplo disto é o NEH, que conta não só com jantares de curso e eventos de pequena escala como também com atividades como o Quiz Histórico e a História ao Anoitecer. Claro, o NEH também conta com iniciativas voltadas para o trabalho académico, como o evento “À Conversa com o Futuro”. Este é caracterizado por conversas abertas em que alguns estudantes do Mestrado em História podem dar a sua perspectiva sobre a experiência que estão a ter, respondendo a perguntas de um moderador e do público. Estes eventos abrem horizontes, visto que os colegas de Mestrado podem tirar dúvidas, pensar de modo mais esclarecido sobre o seu futuro e consequentemente apoiar os seus colegas de primeiro ciclo. Além disso, este núcleo oferece a oportunidade de desenvolver habilidades que nem sempre a faculdade oferece no seu cânone e que vão além da sala de aula, como gestão de recursos humanos e financeiros, marketing e divulgação científica nas redes sociais. Criaram também, em conjunto com o Centro de História da Universidade de Lisboa, um programa de voluntariado aberto a todos os alunos de História da FLUL.



Evento 50 Anos, 5 Visões para celebrar

Mas o associativismo estudantil não se limita a cada núcleo individualmente, ele estende-se à comunidade. O NEH, o NEA, o NEP, o NESTEU e a LEA organizaram o evento 50 Anos, 5 Visões para celebrar, em liberdade e ciência, os 50 anos do 25 de Abril. Como o NEH explica, nesse dia cada núcleo convidou um professor ou especialista da sua área

para, em colóquio, dar a sua contribuição sobre os efeitos da revolução nas suas respetivas áreas. Foi assim possível celebrar com liberdade e ciência os 50 anos da revolução, através da partilha de ideias entre os núcleos e entre os núcleos e a comunidade académica. Este tipo de eventos permite aos estudantes ter um papel ativo na melhoria do ambiente académico e na defesa dos seus interesses. É através dos respetivos núcleos que os alunos podem organizar eventos, discutir ideias, e influenciar decisões que impactam o seu percurso académico, como explica o NEP. Estes projetos complementam a formação teórica a que estão habituados nas aulas com experiências práticas, fortalecendo competências como a gestão de projetos, a comunicação e a colaboração.

No final das contas, como o NESTEU indica, o associativismo estudantil tem, por meio das suas associações, um grande objetivo: a melhoria contínua do sistema de educação. As diversas preocupações relevadas por estes núcleos têm tido, e continuarão a ter, um papel fulcral na dinamização nacional e internacional de atividades de âmbito sociocultural e formativo. No caso do NESTEU, estas associações e iniciativas são uma força promotora da importância e da urgência da presença dos jovens em matérias europeias em Portugal, mas isto é um conceito aplicável a qualquer núcleo.



**“A tuna é o complemento ideal para a jornada universitária: é um espaço onde os estudantes aliviar a pressão dos estudos e desenvolver as suas competências musicais e criativas” - Inoportuna**



Inoportuna

É preciso os estudantes manifestarem uma visão própria, relativa ao funcionamento do Ensino Superior. Tal têm direito, bem como aos demais ramos que este abrange, e lutar para que essas mesmas mudanças tomem lugar. É de vital importância promover um Ensino Superior capaz de responder às necessidades dos seus alunos, e essa missão está também nas mãos dos estudantes. Providenciando um espaço de promoção e partilha de conhecimento via palestras e conferências e abordando temas relevantes e atuais entre profissionais e alunos, auxiliando-os ao longo do seu percurso, o NESTEU oferece oportunidades de expansão de conhecimento aos estudantes, apoiando, assim, o seu desenvolvimento pessoal, académico e profissional. São também oferecidos programas de mentoria e outras oportunidades para que se desenvolvam competências valorizadas no mercado de trabalho internacionalmente. Além disso, eles salientam a importância de uma cidadania ativa e da participação em iniciativas que promovam compreender a realidade europeia, bem como novas ideias para uma Europa inclusiva e sustentável.

Antes de te inscreveres em qualquer núcleo, lembra-te de ler os seus estatutos, pois a tua participação é um compromisso para com o projeto. Há núcleos que são mais flexíveis quanto à participação dos seus membros e outros menos, por isso certifica-te de que estás a escolher o núcleo mais adaptado à tua disponibilidade e interesses.

Para terminar, não podemos deixar de realçar a mãe de (maior parte) dos núcleos da FLUL: a Associação de Estudantes da Faculdade de Letras. A AEFLUL está profundamente conectada com o Movimento Associativo Estudantil (MAE), visto que a comunicação com as diversas organizações estudantis é crucial para entender a realidade dos estudantes a nível nacional. Só através deste conhecimento, diálogo e união é que é possível denunciar os problemas e encontrar soluções. Este contacto ocorre tanto a nível institucional, através de reuniões e encontros, como na luta conjunta, com ações que levam estudantes de várias instituições a manifestarem-se. Um marco da importância desta cooperação foi a manifestação a 21 de março, Dia Nacional do Estudante, reunindo mais de 2000 estudantes de todo o país. Sem o contacto da AEFLUL e outras associações com o MAE, este momento de união não teria sido possível.



Páginas Transcendentes

A AEFLUL teve um papel crucial na organização e promoção desta luta nacional pelo Ensino Superior. Outro exemplo importante de contacto institucional com o MAE são os Encontros Nacionais de Direções Associativas (ENDA). Nestes fóruns, as direções associativas apresentam as suas posições e propostas para o Ensino Superior. A AEFLUL tem se esforçado para aproximar o MAE e levar os problemas dos estudantes da FLUL a este espaço, como demonstra a aprovação recente de uma moção sobre a situação dos estudantes PALOP, uma conquista importante após um longo período sem aprovações. O diálogo, trabalho conjunto, troca de experiências, abertura e cooperação são pilares do trabalho da AEFLUL, tanto com o associativismo da FLUL como com qualquer grupo de estudantes do país. Sem este contacto, muitas lutas e conquistas não seriam possíveis. Consciente disso, a AEFLUL continuará a aproximar-se e envolver-se com o MAE e com todos os estudantes.

É por isso que, enquanto estudante da Faculdade de Letras e colaboradora d'O Cola, quero reforçar esta mensagem: sejam a mudança que desejam ver no mundo, lutem pelas vossas convicções e não se deixem abater pelos obstáculos. Fazem parte do caminho, e, por mais clichê que soe, é a mais pura verdade. Como disse Nelson Mandela, «A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo». E, como estudantes desta faculdade, vocês têm o privilégio de ter essa educação ao vosso alcance.

# Apresentamo-vos os

O NESTEUI é o elo entre os alunos de Estudos Europeus e os órgãos que lhes dizem respeito, como a Federação Nacional dos Estudos Europeus ou a Universidade de Lisboa. Este núcleo pretende representar todos os estudantes que se queiram juntar à sua ação, através da cooperação com outras universidades, centros de pesquisa, instituições governamentais e ONGs. No NESTEUI, é-te oferecido um espaço de debate e troca de conhecimentos e opiniões.

Qualquer um que esteja interessado em aderir ao NESTEUI poderá preencher uma ficha de inscrição disponível em todas as suas redes e será posteriormente agendada uma pequena conversa com os membros da Direção-Geral.



Se és estudante do curso de Artes e Humanidades na FLUL, o NAH-FLUL é o teu ponto de encontro! Criado para facilitar a tua integração e criar laços entre colegas, no NAH encontrarás orientação sobre o curso, poderás participar em eventos sociais e conectar-te com outros alunos através das redes sociais. Além disso, o núcleo colabora com o Programa de Mentoria, que te coloca em contacto com um Mentor que te poderá ajudar nessa jornada.

Se queres fazer parte dessa comunidade, junta-te ao NAH! É só acessar o *Instagram* @nahflul e preencher o formulário na biografia. Se ainda tiveres dúvidas, visita o NAH na feira de núcleos no dia 30 de setembro.

O Núcleo de Estudos Portugueses difunde a cultura e literatura portuguesa desde 2018, divulgando e organizando iniciativas que chamem a atenção para a licenciatura em Estudos Portugueses. Com atividades como a feira semestral “Tuga-feira” e venda de *merchandising*, promove a comunicação e colaboração entre todos os alunos desta licenciatura. Para além disso, o NEP organiza o jantar do curso, criando um ambiente de união entre os colegas do curso e promovendo uma boa convivência.

As inscrições estão abertas até ao final de outubro, e qualquer aluno da licenciatura em Estudos Portugueses se pode inscrever através do e-mail ou das redes sociais (*Instagram*: @nucleo.estudosportugueses).



# Núcleos da FLUL!



NEH - Núcleo de Estudantes de História

O NEH é um organismo de associativismo estudantil dos estudantes dos vários graus de ensino em História, com a missão de promover a reflexão nesta área, o trabalho conjunto e a união. No NEH, encontrarás uma comunidade acolhedora e variada, permitindo as mais diversas conexões. É o lugar ideal para fazer novas amizades e trocar experiências, bem como um espaço seguro para adquirir competências novas.

Todos os estudantes de História da FLUL são automaticamente membros do NEH, com direito a participar das atividades e se candidatar a cargos. Se te quiseres envolver mais ativamente, podes tornar-te um Colaborador, preenchendo o formulário de inscrição no início de cada mandato.

A Liga de Estudos Asiáticos é o ponto de encontro dos alunos de Estudos Asiáticos da Faculdade de Letras. Desde 2012, a LEA promove um intercâmbio cultural e histórico, em colaboração com entidades como embaixadas, fundações culturais e professores, para levar o conhecimento sobre a Ásia a todos os cantos da faculdade e além. A LEA procura promover a cultura, costumes e línguas dos diversos países asiáticos, simultaneamente divulgando e informando potenciais alunos sobre o curso de Estudos Asiáticos.

Se és estudante de Estudos Asiáticos e estás interessado, junta-te à LEA! Entra em contacto com um dos membros do núcleo pessoalmente ou através do *Instagram* @liga.easiaticos e descobre tudo o que te espera nesta comunidade.



LEA - Liga de Estudos Asiáticos



NEG - Núcleo de Estudantes de Estudos Gerais

A principal missão do Núcleo de Estudantes de Estudos Gerais é representar os estudantes deste curso, oferecendo apoio ao longo do seu percurso académico através de iniciativas como o *Buddy System* e suporte online/presencial. O Núcleo dedica-se à promoção de atividades lúdicas e formativas que enriquecem a vida extracurricular dos estudantes, como palestras, *workshops*, convívios, encontros e celebrações.

Todos os estudantes do curso são bem-vindos, independentemente do seu ano. Entra em contacto com o Núcleo através do e-mail [neg@aaul.pt](mailto:neg@aaul.pt), do *Instagram* @neg.ulisboa ou presencialmente. O único requisito é a vontade de ajudar, visto que mesmo com pouco tempo, há sempre algo simples e que se adapta a cada um!

# Núcleos Recreativos

Se és apaixonado por cinema, o NUCIVO - Núcleo de Cinema e Vídeo da FLUL é perfeito para ti! Este núcleo vibrante e acolhedor dedica-se a compartilhar o amor pela sétima arte de diversas maneiras, promovendo sessões de cinema gratuitas, *podcasts*, críticas e retrospectivas. O objetivo é claro: democratizar o acesso ao cinema e criar um espaço onde todos, independentemente dos seus conhecimentos prévios, se possam conectar, discutir e aprender mais sobre cinema.

Ficaste interessado em fazer parte desta comunidade? Juntar-se ao NUCIVO é fácil! Basta visitar o perfil no *Instagram* @nucivo\_flul, seguir as instruções no *link* da biografia e preencher o formulário de inscrição!



No NECA - Artigo 42 (Núcleo Estudantil de Criação Artística), a diversidade é a palavra de ordem: aqui encontras desenho, música, escrita, teatro... Para além de desenvolver projetos pessoais e coletivos, como curtas-metragens ou exposições, o NECA também organiza eventos notáveis. Este núcleo é casual e livre de expectativas ou atividades obrigatórias. Todos são aceites e bem-vindos, contanto que tenham interesse em criar e desenvolver competências artísticas.

Para te conectares com este núcleo, basta acederes à página no *Instagram* @artigo.42 e aceder ao *linktree* na biografia, onde terás de preencher um formulário, ou entrar em contato via DM!

Se procuras um núcleo que te desafie intelectualmente e te proporcione um ambiente de aprendizagem e troca, as Páginas Transcendentes são para ti! Este núcleo é um coletivo estudantil dedicado à reflexão hermenêutica das várias obras que marcaram a História do Pensamento Humano, sejam estas de natureza artística, filosófica, literária, entre outros. Através de clubes de leitura, conferências e outras atividades culturais, as Páginas Transcendentes oferecem-te a oportunidade de desenvolveres o teu pensamento crítico e de te conectares com outros estudantes.

Para te juntares, basta preencheres o formulário disponível no *linktree* do *Instagram* (@paginastranscendentes) ou na secção "Sobre Nós" do *site* oficial.



Se te preocupas com o meio ambiente e procuras um espaço para transformar essa paixão em ação, a SEE – Sociedade Ecológica Estudantil é o lugar ideal para ti! O objetivo deste núcleo é sensibilizar os estudantes sobre a importância da sustentabilidade e do movimento ecológico. Ao longo do ano, promovem debates, conferências, *workshops* e momentos de convívio, frequentemente com a participação de professores, políticos e ativistas.

Pronto para fazer parte da mudança? Preenche o formulário de adesão no *site* ou *Instagram* (@see.flul) e participa numa entrevista para lhes contares mais sobre os teus interesses e motivações. Eles estão à tua espera!



Com cinco anos de história e melodias espalhadas por festivais e cidades, a NostraTuna é mais do que uma tuna feminina na Faculdade de Letras. É um espaço seguro e acolhedor onde cada integrante desenvolve as suas habilidades musicais e se expressa livremente, fomentando a construção de amizades sólidas e o desenvolvimento pessoal. Este núcleo leva-te para além dos limites da faculdade, proporcionando a oportunidade de viajares e atuares em novos lugares, criando memórias inesquecíveis.

Estás interessado em embarcar numa viagem com a NostraTuna? Preenche o formulário no *Instagram* @nostratunafull e aparece em um dos ensaios para conhecer este grupo!

A Inoportuna, a tuna masculina da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, vai além da música. Esta dedica-se ao desenvolvimento cultural e pessoal dos seus membros, promovendo um espírito de amizade, colaboração e entreajuda. Por meio de viagens e apresentações por todo o país, divulga o seu repertório divertido e culturalmente enriquecedor, levando a alegria da música a diferentes públicos e mostrando que a vida universitária pode ser muito mais do que apenas estudos.

Queres fazer parte desta família? Basta ires ao local de ensaios, onde serás recebido de braços abertos e receberás todas as informações necessárias para te juntares ao núcleo!



A RATA – Real Académica Tuna Acapella é uma tuna feminina da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que se destaca pela sua originalidade: fundada em 2015, é a única tuna *acapella* de todo o país! As integrantes da RATA combinam o amor pela música com a criação de laços e memórias que durarão para sempre. Com atuações que vão desde as ruas da emblemática Lisboa até viagens por todo o país, esta tuna ergue o estandarte da Faculdade de Letras, representando-a com arranjos e músicas originais.

Se te interessa fazer parte desta jornada musical única, entra em contato com a RATA através do *Instagram* @realacademicatunacapella ou por e-mail: realacademicatunaacapella@gmail.com.

# A nossa AE!

A Faculdade de Letras deve ser mais do que um local de aprendizado acadêmico, e é aqui que a Associação de Estudantes entra em cena. A formação integral do indivíduo vai além das disciplinas curriculares e abrange o desenvolvimento do pensamento crítico, a vivência cultural, o desporto, a política e o bem-estar.

A AEFLUL representa a voz dos estudantes enquanto um canal de diálogo e reivindicação, lutando por um ensino superior de qualidade e acessível a todos. Através dos seus núcleos, tunas, equipas desportivas e outras iniciativas, promove a vida académica, cultural, desportiva, política e democrática das Instituições. Afinal, estes são fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

Para a AEFLUL o contacto com o Movimento Associativo Estudantil (MAE) é de extrema importância. Só com as diversas formas de organização estudantil é que é possível conhecer a realidade vivida pelos estudantes a nível nacional, o que é essencial para localizar e solucionar os problemas que estes enfrentam. Este contacto com o MAE acontece também no plano da luta, com ações construídas conjuntamente, de raiz, que trazem os estudantes das diversas instituições de ensino a sair à rua e a fazerem-se ouvir.

Um dos grandes marcos da importância do trabalho e da cooperação entre o MAE é a manifestação realizada no dia 21 de março deste ano, em virtude do Dia Nacional do Estudante, que contou com a presença de mais de 2000 estudantes que vieram de Norte a Sul do país com as respetivas Associações Estudantis. Este momento de luta demonstrou a unidade do sentimento dos estudantes relativamente ao Ensino Superior Português, e a AEFLUL teve um papel construtor, dinamizador e de grande abertura para o tornar possível.

A AEFLUL também contacta a MAE através dos Encontros Nacionais de Direções Associativas (ENDA). Estes encontros são fóruns de discussão que juntam as várias direções associativas de representação estudantil de modo a discutir a realidade do Ensino Superior e a propor ideias para a sua transformação, para que corresponda à vontade dos estudantes. A AEFLUL, através deste contacto, leva a FLUL e os seus problemas e propostas a este espaço.

O diálogo, o trabalho em conjunto, a troca de experiências e realidades, a abertura e cooperação são pilares do trabalho da AEFLUL e o que suporta as diversas lutas pelas quais os estudantes lutam: a diminuição do preço da refeição social, as manifestações anuais do Dia Nacional do Estudante e a aprovação de moções justas no ENDA, como a recém-aprovada moção em prol dos estudantes PALOP.

Se queres construir uma Faculdade de Letras que vá além das tuas expectativas e que promova o desenvolvimento pessoal e coletivo de todos os estudantes, pondera juntares-te à Associação de Estudantes!



## Poço do Quintal

Autoria: Rita Coelho  
Edição: Mafalda Vale  
Ilustração: Maia Aguiar

O avô disse para a avó: «Maria, tu és um poço de confusões.»

Que assolação tê-lo ouvido e dele não ter discordado.

Pelo que penso algumas vezes nela, quando percebo o poço em mim.

O poço, quase sempre cheio, na escassez do momento lúcido parece vaziar e não o sinto mais.

Somos todos poços que transbordam de confusões. Nelas nos afogamos, naufragamos ou remamos. Também delas bebemos. E com elas regamos flores, como faz a minha avó, cuidando do seu jardim no quintal atrás da casa, enquanto o meu avô, sentado, a vê, suspira e profere frases que ela não ouve, ou finge não ouvir, ocupada a recolher baldes de água daquele poço enquanto canta. E ele, adotando o silêncio para a escutar, aguarda a sua vinda para a amar.

Também aquele poço se preenche de um sentimento caudaloso – o de um amor igual pela comoção do seu dilúvio.



## Revolta na estante dos livros

Autoria: Vitor Vieira  
Edição: Maria Rodrigues  
Ilustração: Maia Aguiar

O sono não estava carregado nem a noite ia alta.

Acordei bruscamente.

Não que tenha sido um acontecimento singular, antes corriqueiro em matéria de dormidas noturnas.

Não me levantei logo, ali permanecendo na tentativa de ser embalado pelo sono. Porém, não consegui e comecei a ouvir uma espécie de vento.

Sem saber a origem, fui conduzido para a sala. Não havia qualquer janela aberta ou entreaberta.

Continuei na busca daquele vento e qual não foi o meu espanto quando dei de caras com um exército de livros a descer das estantes e com as páginas escancaradas.

Estava descoberto o mistério daquele vento noturno: eram as páginas dos livros, que se abriam sozinhas, produzindo vento.

Estarrecido, fiquei a mirar o desfile, que tinha a particularidade de ser apenas composto por livros nunca lidos por mim.

Numa conversa bastante acirrada, fui acusado, com dureza, de não ler alguns livros, pelo suposto líder dos revoltosos, o “Trópico de Capricórnio”, de Henry Miller - qual porco da “Quinta dos Animais”, de George Orwell. Queriam e mereciam ser lidos!

E mais: mudados para a zona dos já lidos!

Explicou o líder que era o livro mais antigo existente naquela casa e que nunca tinha sido lido.

Não tive argumentos para retorquir aquele particular, tendo apenas prometido que o iria colocar na prateleira dos livros a ler brevemente.

Ensaiei desculpas no sentido de que, à semelhança de muitos outros livros que não li, o meu tempo não é de elástico e não viverei outra vida. E, sobretudo, de que passo muitas horas na minha prisão domiciliária por dias úteis.

Parlando com os meus botões, dizia que oxalá fosse possível ler todos aqueles livros e aquela lista seria muito menor.

Tentei convencer o líder dos revoltosos de que, por vezes, compro livros, requisito outros nas bibliotecas municipais e, assim, deixo de lado alguns que tenho em casa no conservante natural do pó.

Não seria por mal, desconsideração ou desfeita gratuita, mas acontecia.

Ouvindo as minhas lamentações, o “Trópico de Capricórnio” finalizou, dizendo: “Mas com os CD não se passa essa pouca vergonha; assim que os compras, ouves todos.” Não o confrontei formal e expressamente, mas dou-lhe razão.



Passados uns minutos, o revoltoso-mor desempoeirou-se, fechou-se e rumou até à antiga posição que ocupava na estante, mas não sem antes ter dado ordem aos seus acólitos para destroçar.

Sem nesga de sono, assisti ao silencioso espetáculo, o de, ordenadamente, irem todos para o sítio do costume.

Só depois de todos arrumadinhos tive coragem para voltar ao meu quarto e à minha cama.

Depressa adormeci e comecei a sonhar que estava a ler um livro cujo título não recordo.

### Seminário LOCUS # 45: "Mujeres en el paisaje. Trabajo y representación artística colectiva"

O 45º Seminário de Investigação do Grupo LOCUS convida Gema Pastor Andrés, profesora, artista e investigadora na Universidad Rey Juan Carlos de Madrid (España), a apresentar: "Mujeres en el paisaje. Trabajo y representación artística colectiva."

O evento decorre no dia 1 de outubro, entre as 11h e as 12h30 na sala B112.D.



**Mujeres en el paisaje. Trabajo y representación artística colectiva**

Para mais informações, consulta a agenda da Faculdade de Letras.

## Carta a Rilke

Autoria: Alexandra Guçu  
Edição: Ricardo Cerdeira  
Ilustração: Maia Aguiar

Lisboa, 20 de maio de 2024

Querido Rilke,

A tua carta chegou-me tarde, já no século seguinte. Não estás cá, mas as tuas palavras tocam-me de igual forma, como se a tua alma nelas residisse, e, de facto, assim é. Disseste-me para examinar a razão que me obriga a escrever – como se a falta desta necessidade fosse tal como a falta de ar para respirar – se seria possível viver se me retirassem esta possibilidade, e se devo escrever de todo. Disseste-me que se a vida não me obriga a colocá-la por palavras, a culpa seria minha apenas e não dela. Tinhas razão. As tuas palavras deram-me a coragem de que precisava para fazer poesia, para escrever, e invocar as riquezas da vida. Eu fui fraca, culpava o lugar mais trivial pela minha incapacidade de escrever. Nesta prisão fui por fim capaz de invocar a memória, olhar para dentro em busca da minha razão para escrever. A minha arte nasceu da necessidade: necessidade de dar voz ao inconcebível, às tristezas e desejos, e o mais trivial! Mandei fora a cobardia e fui capaz de dar voz ao intenso, ao desassossego, à inquietação. Não seria, porém, capaz sem as vozes daqueles que vieram antes de mim. Continuarei a crescer como uma árvore, dando liberdade à fluidez, pois o verão virá e as folhas virão. E, para algum outro que leia estas minhas palavras, que elas sirvam de algo, que elas sirvam de esperança. Que nunca sejam impedidos de escrever, pois a arte sempre deverá florir.

Com amor,

O Poeta



### Debate 'Ciência e Arte'

No dia 30 de outubro, às 18h30, terá lugar no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Lisboa o debate "Ciência e Arte". Este é o segundo debate do ciclo "Pensar a dois tempos", organizado por Gonçalo M. Tavares.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.



## Construindo Impérios:

### A história do próspero crescimento e subsequente queda do Império Romano

Quando se pensa no Império Romano, pensa-se num vasto e grandioso império que se expandiu de forma exorbitante e rápida. Este crescimento deveu-se não só às conquistas territoriais, mas também à estabilidade interna que se testemunhava no império. O poder romano baseou-se na sabedoria de vários séculos, preservada na memória de gerações. O respeito pelos antepassados foi um dos agentes que permitiu a Roma expandir-se como poucos conseguiram. Foi necessária estabilidade em diversas áreas para Roma prosperar e, por isso, pode dizer-se que a prosperidade interna do Império Romano se deve a diferentes fatores: a nível da religião; da expansão e da diversidade; da política e da administração; da cidadania, da escravatura e da população; dos monumentos e da agricultura; entre outros. O capítulo em análise, denominado «A união e a prosperidade interna do Império Romano. As províncias e os monumentos. O incremento da agricultura» e retirado do livro *História do Declínio e Queda do Império Romano*, como citado na bibliografia, aprofunda estes temas. Este estudo procura resumir o capítulo estudado de modo a transmitir todas as ideias principais de forma mais sucinta.

#### A indulgência mútua e a concórdia religiosa

A religião é, historicamente, um tema considerado fraturante. Até aos dias de hoje, é motivo de guerras infundáveis e conflitos internacionais e nacionais. No Império Romano, a religião era vista de maneira diferente, como é possível testemunhar pelo comportamento e ideais da população. Todas as formas de culto eram consideradas igualmente verdadeiras pelo povo, igualmente falsas pelos filósofos e igualmente úteis pelos magistrados. Isto significa que a superstição popular coexistia com uma variedade de cultos e que os romanos aceitavam a diversidade religiosa, o que por sua vez promovia a coexistência pacífica de diferentes cultos no império. Fosse grego, romano ou bárbaro, acreditava-se que todos adoravam as mesmas divindades nos seus respectivos altares e sob vários nomes e rituais. Um dos grandes motivos por detrás disto é o devoto politeísta.

Até os filósofos, conhecidos pelo seu ceticismo, formulavam conceitos morais da natureza humana e especulavam sobre a Natureza Divina. Os estóicos e os platónicos tentaram conciliar a devoção e a razão ao mesmo tempo que os académicos e os epicuristas tinham visões menos religiosas. Dois exemplos muito conhecidos são Cícero e Luciano. Cícero usou a eloquência contra a religião popular, enquanto Luciano usou a sátira enquanto arma contra os deuses. Ainda assim, apesar do ceticismo, estes filósofos contribuíram para uma atitude de tolerância e debate religioso, visto que desprezaram todas as religiões igualmente. No século dos Antoninos, apesar da irreligiosidade prevalecente, tanto os sacerdotes como o povo foram respeitados, já que era defendida a independência da razão.

Roma permitia a prática de várias religiões, embora às vezes interferisse para restringir certos ritos estrangeiros, como por exemplo a superstição egípcia. Sendo esta considerada a mais desprezável e abjeta, sofreu frequentes proibições, os seus templos foram demolidos e os seus adoradores banidos de Roma e de Itália. Mais tarde, o zelo religioso triunfou sobre os esforços políticos. A religião acabou por ser aceite e as divindades egípcias Ísis e Serápis vieram a ocupar o seu lugar entre as divindades romanas.

Resumidamente, a política imperial de Roma adotou uma postura pragmática e tolerante com diferentes religiões, visando a estabilidade e a coesão do império acima de tudo o resto. Roma tornou-se um templo comum para os seus súbditos, concedendo direitos de cidadania aos deuses de todas as nações. O espírito da Antiguidade valorizava e mostrava-se mais atento à semelhança do que à diferença.

#### Expansão e diversidade do Império Romano

A vastidão do Império Romano não se limita à sua expansão territorial. Esta vastidão cobre toda a fundação de Roma, desde o número de cidadãos à diversidade dos mesmos. Isto pode ser explicado devido à mentalidade romana da altura. Em Roma, a virtude e o mérito das pessoas eram mais importantes do que o seu

estatuto social. A cidade adotou uma política de incorporação de estrangeiros, bárbaros e escravos, o que contribuiu imensamente para o crescimento e sucesso do império. No entanto, como se pode ver quando contrastado com outras cidades, isto não era a regra, mas sim a exceção. A política de Atenas e Esparta, por exemplo, valorizava a preservação do sangue puro, acreditando que este era mais importante do que as qualidades de um indivíduo. Assim sendo, enquanto era possível ver o número de cidadãos na República Ateniense a diminuir gradualmente, o mesmo não acontecia em Roma. Na República Romana, o aumento era significativo, o que pode parecer contraintuitivo devido às guerras e colonizações.

A Itália era o centro político e privilegiado do Império, tanto que exigia ser o berço, ou pelo menos a residência, do Estado. Desta forma, os seus cidadãos tinham direito a privilégios que outros não tinham. Como a Itália era considerada o centro da unidade pública e a base da Constituição, quem lá nascia era considerado cidadão romano, o que lhe permitia desfrutar de isenções de impostos e outras vantagens. Só após os privilégios dos Romanos serem progressivamente alargados a todos os habitantes do império é que a distinção entre a Itália e as outras províncias começou a suavizar. As diferenças foram postas de lado e foi assim foi promovida uma noção de unidade. A nação uniu-se pela língua, pelos costumes, pelas instituições civis, entre outros. Como Roma reconheceu e recompensou o mérito de cidadãos de outras regiões, foi implementada uma política de assimilação cultural que promoveu a coesão e o desenvolvimento do império.

O mérito e o serviço de todos os cidadãos, do romano ao bárbaro, contribuíram para a glória e grandeza de Roma e alguns nomes perduram na memória das gerações até aos dias de hoje. Virgílio, Horácio, Mário e Cícero são homens que vieram de diversas regiões, mas que ainda assim ilustram a diversidade e expansão do império. Eles servem como exemplo do quão generosa a política romana foi.

#### **As províncias: política e administração**

As províncias do império eram vistas de maneira muito distinta da capital. Ao contrário de Roma, eram destituídas de qualquer força pública ou liberdade constitucional. O Senado e os imperadores romanos dissolveram confederações perigosas de forma a manter o seu domínio e autoridade absoluta, simultaneamente evitando uma união contra Roma. Nem os príncipes locais mantinham

posições de poder, visto que eram afastados da jurisdição após completarem as suas tarefas de subjugar as nações vencidas. Assim sendo, a autoridade pública era exercida pelos ministros do Senado e imperadores de forma absoluta e sem limites. Com o fenómeno da romanização, Roma estabeleceu colónias e concedeu cidadania romana a provincianos leais. Além disso, também instalou veteranos como povoadores para difundir costumes e leis romanas.

O estabelecimento das colónias uniu gradualmente as províncias ao nome e povo romanos, o que conseqüentemente gerou uma difusão da diversidade cultural. As regiões orientais, ao contrário das ocidentais, mostraram maior resistência à assimilação cultural romana, por isso mantiveram influências gregas e locais. Ainda assim, a língua latina foi promovida nas províncias como idioma oficial, apesar da resistência das províncias orientais, e, a par do grego, acabou por exercer jurisdição separada em todo o império. O latim era estrita e inflexivelmente usado como dialeto oficial das transações públicas e na administração dos governos civil e militar. O grego, por sua vez, era utilizado como idioma natural das ciências. No fim de contas, estas instituições levaram as nações do império a fundirem-se com o nome e povo romanos.

#### **As províncias: cidadania, escravatura e população**

No entanto, existe uma instituição que ainda era difundida no império. Esta instituição estava no centro de todas as províncias e no seio de todas as famílias: a escravatura. Os escravos, cuja classe social era a mais baixa na hierarquia, constituíam uma parte considerável da população. Estes eram maioritariamente cativos bárbaros com sede de vingança, visto que eram comprados a baixo preço e estavam habituados a uma vida de independência. Roma, perante uma crise de escravos devido à diminuição da fluidez das fontes de abastecimento estrangeiras, teve de arranjar uma solução. Então, encorajou a reprodução de escravos, para assim reduzir a dependência de cativos estrangeiros, e promulgou leis para proteger os direitos destes contra tratamento cruel e possibilidade de alforria. O direito de vida e de morte dos escravos ficou reservado aos Magistrados e as prisões subterrâneas foram abolidas. As mudanças que se começaram a ver gradualmente melhoraram a condição desta classe social.

É difícil determinar o número total da população romana, mas um recenseamento feito pelo Imperador Cláudio determina a existência de aproximadamente seis milhões de cidadãos romanos, o que não inclui mulheres, provinciais ou escravos. A melhor estimativa que se tem, contando com mulheres e crianças, é de cerca de 20 milhões. No entanto, esse número cresceria ainda mais se o número de súbditos de categoria inferior fosse contado. Apesar de ser incerto e flutuante, estima-se que existissem duas vezes mais provinciais que cidadãos, de ambos os sexos e de todas as idades, o que representa a sociedade mais numerosa que alguma vez existiu sob o mesmo governo.

Um dos motivos pelos quais foi possível manter um império de tal tamanho completamente funcional foi a política de moderação romana, que tinha como objetivo a paz e unificação interna, contrastando imensamente com a desordem e fraqueza das monarquias asiáticas. A obediência ao governo romano era uniforme, voluntária e constante, o que permitiu o seu crescimento estável. Com esta segurança estabelecida, os recursos foram dedicados à melhoria e ao embelezamento do Império Romano.

### **Monumentos romanos: A grandiosidade arquitetônica**

Os monumentos romanos são uma ótima representação da grandiosidade arquitetônica do Império Romano e são um dos símbolos do poder e da influência do império nas suas diversas províncias. Poucos monumentos sobreviveram ao teste do tempo devido à sua erosão, mas, ainda assim, as ruínas que sobraram marcam o que foi um dos mais importantes impérios da Antiguidade. Estes monumentos foram construídos com financiamento público e/ou privado. Os imperadores romanos, como Augusto, Vespasiano, Trajano e Adriano, deixaram o seu legado através da construção de obras monumentais por todo o império. No entanto, os monumentos não foram erguidos apenas pelos imperadores, mas também por particulares e comunidades locais, quase sempre destinados ao benefício público. Herodes Ático é um exemplo de um cidadão rico que foi patrono das artes e financiou obras públicas, em Atenas e outras regiões.

Todavia, ao invés de estes monumentos serem simples símbolos de poder imperial, serviam também fins práticos. Desde teatros e anfiteatros até aquedutos e templos, as estruturas eram destinadas não só a beneficiar, mas também a entreter as

populações locais, exaltando simultaneamente a glória e a prosperidade do império. Alguns exemplos notáveis são pontos turísticos até hoje, como por exemplo o Coliseu, uma das mais emblemáticas estruturas romanas. Este foi construído por Vespasiano e financiado com os despojos das conquistas militares. O Coliseu servia como local de espetáculos e jogos para o povo de Roma. Herodes Ático, por sua vez, financiou, entre muitas outras coisas, a construção de um estádio em Atenas e de um teatro em homenagem à sua esposa, bem como ornamentação em diversos templos, como o Templo de Neptuno no Istmo. Porém, os monumentos romanos não limitam hoje a sua utilidade ao lazer e à distração, são também marcos importantes na história da infraestrutura romana e, por consequência, da infraestrutura mundial. Os romanos construíram uma vasta rede de estradas e aquedutos por todo o império, o que facilitou o transporte e a comunicação. Estações de muda foram construídas ao longo das estradas para permitir viagens rápidas e eficientes e os portos, como Óstia, foram desenvolvidos para facilitar o comércio e a comunicação marítima entre as províncias.

Ao fim e ao cabo, os monumentos romanos são um testemunho da grandiosidade do império no seu auge, mas também influenciaram significativamente a arquitetura e a cultura em todo o mundo ocidental. São um marco histórico que deixou referências duradouras no presente.

### **O incremento da agricultura: comércio, luxo e declínio do império**

A agricultura desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do Império Romano. Sob o governo romano, houve uma introdução gradual de produtos, indústrias, culturas e técnicas agrícolas na Europa Ocidental. Estes vinham de regiões mais civilizadas, o que incentivava o comércio e a melhoria da vida social. A disseminação de culturas agrícolas, como vinho, azeite, frutas e linho, contribuiu para o aumento da produção e da prosperidade econômica, visto que enriqueceu a diversidade de cultivos. A introdução de novas técnicas levou a melhorias na produção do vinho e do azeite, que se expandiram para regiões antes consideradas impróprias para tal. A introdução bem-sucedida do cultivo do linho e a adoção dos prados artificiais, por sua vez, aumentou a disponibilidade de matéria-prima e alimentos para o gado.

A mão de obra agrícola era muito valorizada e, por isso, os romanos demonstraram um compromisso constante com o seu

desenvolvimento, prestando atenção ao seu bem-estar. Afinal, esta mão de obra tinha um papel central no desenvolvimento da cultura agrícola, que, por sua vez, contribuiu substancialmente para a prosperidade econômica e social.

O comércio de luxo estava em todos os ramos da sociedade e a agricultura não era exceção. Na verdade, este tipo de comércio foi um importante motor econômico, visto que não só trouxe riquezas como também estimulou melhorias na agricultura e nas indústrias relacionadas, o que contribuiu para a estabilidade econômica do império. Por isso, apesar do comércio de luxo ser muitas vezes criticado, especialmente por moralistas, é inegável que desempenhou um papel crucial na distribuição da riqueza e no estímulo à economia.

A prosperidade econômica foi então generalizada, mostrando melhoras em vários ramos comerciais. O comércio marítimo floresceu e foi marcado por trocas comerciais entre o Oriente e Roma, houve um grande aumento na circulação de prata no império e a agricultura serviu como base para o desenvolvimento de diversas manufaturas, já que os produtos naturais eram os principais materiais utilizados na produção.

A prosperidade da agricultura sob Roma contribuiu para a estabilidade política e prosperidade econômica do Império Romano, já que mitigou a frequência de fomes e garantiu um fornecimento constante de alimentos para a população, mas nem tudo foi positivo. Roma também apresentou sinais de declínio, visto que, durante esse período de estabilidade, a decadência e a corrupção cresceram. Deu-se uma estagnação do pensamento crítico, do pensamento criativo, do espírito militar e do fogo de gênio até então. Esta falta de inovação intelectual e cultural levou ao declínio do Império Romano.

Após séculos de declínio, aquilo que eventualmente levou à restauração da liberdade e ao ressurgimento cultural pode ser inusitado para alguns: nada mais nada menos do que as invasões bárbaras no Norte. Estas invasões são vistas como um elemento revigorante, visto que trouxeram valores de liberdade e coragem anteriormente esquecidos e abandonados. Assim, o Império Romano voltou a florescer e ultrapassou um dos períodos mais culturalmente fragilizados pelos quais passou.

## Conclusão

Em suma, a política imperial romana foi o que permitiu ao império prosperar como prosperou, de forma exorbitante e rápida. De entre os fatores em jogo, os mais notáveis são: a tolerância e concórdia religiosa, que promoveu a coexistência pacífica de diversas crenças; a política de incorporação de estrangeiros que enriqueceu a diversidade cultural e deu uma oportunidade a todos de serem reconhecidos e valorizados pelo seu mérito; a administração eficiente das províncias; a valorização da mão de obra escrava; e, por fim, a construção de monumentos e o incremento da agricultura através, novamente, da valorização da mão de obra, desta vez agrícola. No entanto, apesar da prosperidade econômica e cultural do Império Romano, a estagnação intelectual e a corrupção acabaram por crescer, o que levou ao inevitável declínio do império. É, porém, um inegável marco histórico que perdura até à atualidade, tendo influenciado diversas faces da cultura e das sociedades ocidentais.

## Bibliografia

Gibbon, Edward, e D. M. Low. «A união e a prosperidade interna do Império Romano. As províncias e os monumentos. O incremento da agricultura.» *História Do Declínio E Queda Do Império Romano*, Vol. I, traduzido por Maria Emília Ferros De Moura, 1ª ed., Bookbuilders / Letras Errantes, Lda., 2022, pp. 40–64.

## partimos rumo à felicidade

partimos rumo à felicidade  
juntos, mas perdidos no amor,  
amaldiçoados pela minha espontaneidade  
batemos de frente com a dor.

uma viagem tão atribulada,  
marcada pela indecisão da tua mente  
e a miragem que me chocava de frente  
levou-me a ficar sem nada.  
tantas curvas deixaram-me tonto.  
apaziguadas por um amor saído de um conto,  
conto sem fadas nem dragões,  
apenas um conjunto de canções  
e uma figura que parte corações.

chegados ao destino da nossa vida,  
percebi que já estavas decidida.  
deleitámo-nos na praia a ouvir o mar  
juntos de uma promessa de para sempre nos amar

aí então o motorista se revelou:  
era o mais cruel deles, o cupido  
e, então, ele sussurra-me no ouvido  
"ela nunca te amou".

### Lisbon Lectures in the Humanities com Christine Korsgaard

A filósofa moral Christine Korsgaard, conhecida pelas suas reflexões sobre razão prática, identidade pessoal e relações entre humanos e animais, apresentará uma conferência em Lisboa. A palestra abordará a noção de bem, tema central de suas pesquisas recentes. É autora de diversas obras influentes, incluindo "The Sources of Normativity" e "Self-Constitution: Agency, Identity, and Integrity".

O evento terá lugar a 2 outubro 2024 às 18h30 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



# Agenda Académica

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta Agenda Académica, apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.



## Arraial do Santo Caloiro - Festa de Início de Ano Letivo

No dia 26 de setembro, entre as 19h e as 21h, decorrerá o Arraial do Santo Caloiro, a festa de início do ano letivo.

A festa é organizada pela Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e decorrerá no Bar Novo.

## Visita ao Observatório Astronómico de Lisboa

O Real Observatório Astronómico de Lisboa, situado na Tapada da Ajuda, foi mandado construir por D. Pedro V. Atualmente denominado de Observatório Astronómico de Lisboa, foi o Observatório Nacional português, instituição de referência.

As visitas realizam-se todas as quartas-feiras e não têm qualquer custo (exceto se as visitas forem em grupos escolares).



## Ciclo de Visitas Guiadas Alumni 2024 - Visita 4: Tapada da Ajuda

A Alumni ULisboa organiza, de maio a setembro de 2024, o ciclo de visitas guiadas aos espaços verdes da Universidade de Lisboa.

A Visita 4 será feita à Tapada da Ajuda, no dia 12 de outubro de 2024, às 10h.

Mais informações em <https://www.ulisboa.pt/evento/ciclo-de-visitas-guiadas-alumni-2024-visita-4-tapada-da-ajuda>



Aqui podes encontrar eventos como concertos, congressos e colóquios de interesse académico, bem como eventos de natureza intelectual e com impacto social. Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



### Debate “Tradição e Contemporaneidade”

No dia 27 de novembro, às 18h30, terá lugar no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Lisboa o debate “Tradição e Contemporaneidade”. O terceiro debate do ciclo Pensar a dois tempos, organizado por Gonçalo M. Tavares.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.

### Conferência 30 Anos Fundação BIAL: “Sobre a Fisiologia da Mente 2024”

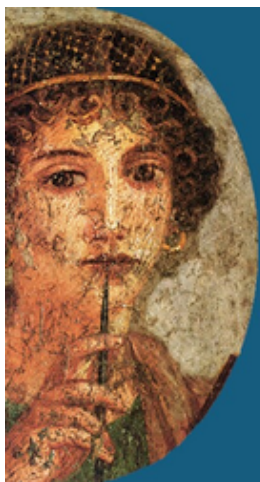
Para assinalar o seu 30.º aniversário, a Fundação BIAL traz a Portugal os neurocientistas António Damásio e Hanna Damásio para uma Conferência, preparada em conjunto e apresentada pelo prestigiado cientista “Sobre a Fisiologia da Mente 2024”.

A entrada é livre, com inscrição obrigatória até 30 de setembro. O evento também será transmitido online.



### International Congress “Women and Writing in the Roman West”

O congresso “Women and Writing in the Roman West”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nos dias 21 e 22 de novembro de 2024, tem como objetivo analisar o uso feminino da escrita e a participação das mulheres nas diferentes manifestações da cultura escrita do Ocidente Romano.



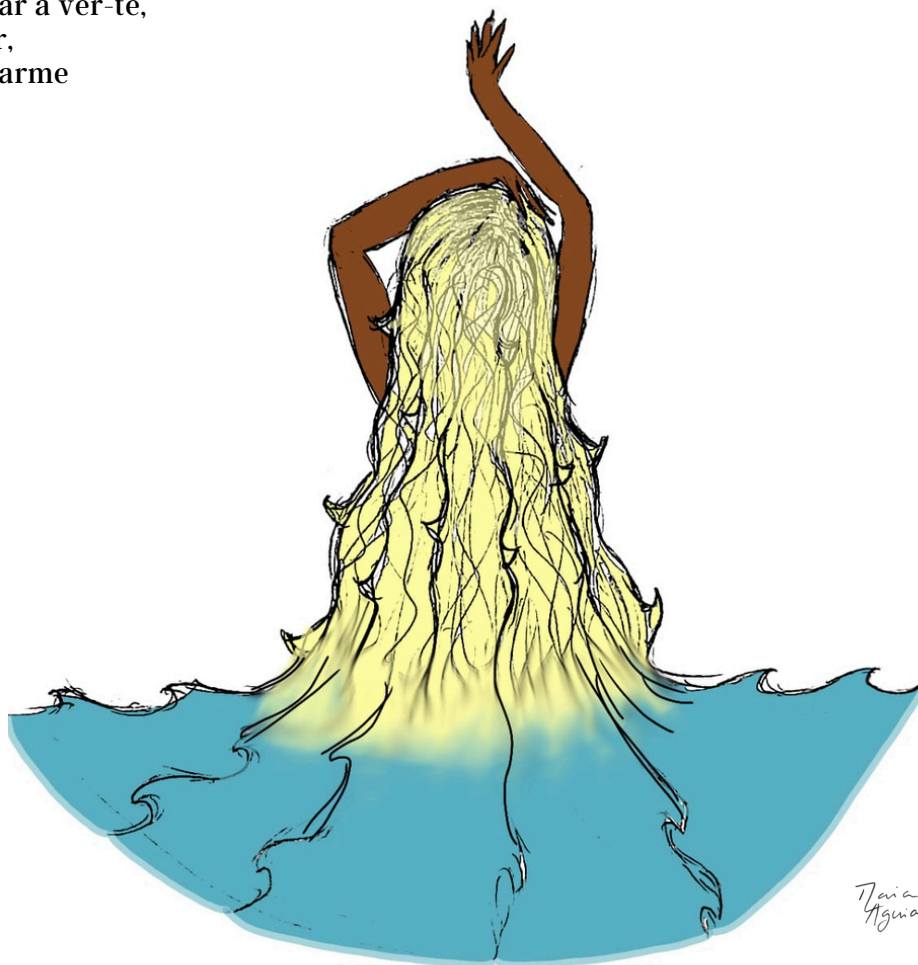
## Não sei nadar

Autoria: Eva Torres  
Edição: Ricardo Cerdeira  
Ilustração: Maia Aguiar

Perdi-me em ti,  
perdi-me nas ondas do teu cabelo.  
Nessas tentei nadar.  
E na rua, ao andar,  
perdi-me nas beatas  
deitadas para o chão,  
enquanto tu falavas pelos cotovelos.

Afoguei-me em ti,  
pois nadar não sabia,  
atordoada por algo que não vi,  
mas que sempre temia.

No fim da noite,  
de ti me despedi,  
já a pensar em voltar a ver-te,  
e, sem sequer saber,  
perdi-me no teu charme  
e afoguei-me  
sem querer.



## Para ninguém

Adorava livros e tudo sobre eles: os mundos fictícios em que mergulhava, as personagens que a acompanhavam nos momentos mais difíceis, os amores que lia e que lhe plantavam o sonho de que um dia também viveria o seu conto de fadas. Faziam-na sentir-se bem, mesmo quando se desolava com alguma história triste, deixando-a a chorar desalmadamente no seu quarto. Cíntia sempre se fascinou com a forma como as pessoas encontravam uma espécie de conexão com os livros. Foi isso que a fez querer escrever. Ansiava para que, um dia, as pessoas também se conectassem com as suas histórias e procurassem conforto nelas.

Foi aos oito que começou a pôr no papel os seus desejos e fantasias. No Natal de 2004, a sua mãe ofereceu-lhe, a ela e ao irmão, um diário em couro a cada um. «Escrevam uma página por dia», dizia ela. Mas uma página não lhe bastava, escrevia sempre três ou quatro. E quando não lhe restavam mais folhas, apoderou-se do caderno do irmão, que estava mais preocupado em mandar futeboladas com os filhos das vizinhas. Enquanto via os miúdos a correr e a esfolarem-se no alcatroado, Cíntia mergulhava na sua escrita.

Aos quinze, abandonou as suas histórias e contos. Sentia que estava demasiado crescida para tal. Deixando para trás o seu interesse literário, foi-se descobrindo e acomodou-se na sua necessidade de escrever às pessoas de quem gostava. O dom de dominar as palavras em favor das suas emoções chamava por ela. Mas, ainda assim, tinha as suas dificuldades. Usar a sua voz para expressar as suas palavras assustava-a. Preferia refugiar-se nas suas páginas, clandestina da sua caneta azul, e escrever o que sentia. Apercebeu-se de que o que fazia, na verdade, era escrever cartas. Escreveu à Helena, depois do seu passeio por Belém; ao Mateus, que lhe abriu a porta da sala quando estavam ambos atrasados; à professora Susana, de Inglês, que sempre a ajudou nos seus problemas na escola; escreveu imensas à sua família, principalmente à sua mãe, que sempre a

apoiou. Nenhuma destas pessoas alguma vez leu as cartas que Cíntia lhes escrevera. O receio de ser julgada sempre a impediu de partilhar com as pessoas os seus sentimentos mais sinceros. Enquanto mantinha as suas palavras no seu caderno de couro, limitava-se a alguns «Obrigadas» acompanhados de olhares e sorrisos envergonhados.

Hoje, aos vinte e cinco, escreve o que sente e o que poderia dizer se tivesse coragem. Crescer não está a ser tão fascinante como um dia sonhara e a vida adulta aterroriza-a de dia para dia. Pouco ou nada a cativa. Não sabe como lidar com as responsabilidades, nem com os seus sentimentos, muito menos com os seus medos. Enquanto deambula pela Baixa, à procura de respostas, aponta uma palavra ou outra. O mundo da vida adulta é aterrador, sempre lhe disseram isto, mas recusava-se a acreditar – afinal, sempre fora uma jovem radiante e ambiciosa. Contudo, o confronto com a realidade nua e crua arrancaram-na da sua ingenuidade, deixando-a à deriva na angústia e tristeza. Ainda escreve cartas, sim. Só não sabe para quem. Não sabe se as suas cartas estão sem remetente porque não encontra mais ninguém a quem escrever ou se simplesmente as pessoas que a rodeiam deixaram de ser merecedoras da sua escrita.

Assim como o seu fascínio por livros e contos, apercebeu-se de que o amor que sentira ao longo da sua vida se havia desvanecido. Sentada encarando o Tejo, Cíntia tira o seu bloco de notas, enquanto procura uma caneta no fundo da sua mala. Hesita durante uns momentos, com a sua caneta pousada na folha. De repente, escurece. Estava ali sentada acompanhada das suas mágoas, que a afundavam cada vez mais. Quando se apercebe da mancha de tinta a apoderar-se do branco, começa a escrever.

*Querido alguém,*

*Sinto-me perdida na vida e não sei a quem pedir ajuda. Lembro-me de quando era criança e de ser uma menina bastante*

*determinada. De correr pela cozinha adentro animada e de mostrar as minhas histórias à minha mãe. «Ainda vais dar para escritora» dizia-me ela afetuosamente. E eu acreditava. Tinha tudo para dar certo. O que é que aconteceu? Isto é tudo tão novo para mim. Já não deveria eu, aos 25 anos, saber o que quero da vida? Será que ainda sou nova e tenho coisas a descobrir? Ou será que já estou velha demais para saber para que sirvo? Terei eu algum objetivo de vida? Estou cansada da preocupação que acarreto comigo. Só quero arrancá-la de mim. Não quero preocupar-me com o meu futuro por uns momentos. Só gostaria de viver uma história encantada e co...*

Parou de escrever. Um pensamento triste interrompeu-a. Apercebeu-se de que nada disto importava. De uma forma ou de outra, nunca ninguém iria saber desta carta nem de nenhuma das outras. Nunca ninguém saberá dos seus receios e desencantos. Nunca ninguém os leu nem nunca ninguém os lerá.

## I Colóquio Internacional de Arte, Língua e Cultura

O I Colóquio Internacional de Arte, Língua e Cultura surge como resposta à necessidade de criar um espaço de encontro que promova a análise interdisciplinar e o intercâmbio de perspetivas sobre questões relacionadas com a arte, a língua e a cultura.

O evento decorre de 4 a 6 de dezembro na FBAUL e online.



## ela que me cale

Autoria: Xavier Cardoso  
Edição: Mafalda Vale  
Ilustração: Maia Aguiar

vim do norte,  
à procura duma causa mais forte.  
entro em caminhos às escuras,  
apercebi-me de que não existem pessoas puras.  
para esta doença de pensar não existe cura,  
vou tratar de ceder à loucura.  
apaguem as luzes e deixem-me em paz.  
vou deitar-me e chorar, já disse que não estou capaz.

estou mal.  
estou mal e continuarei a estar mal.  
uma dor abismal, nunca tinha sentido tal.  
um lamento de nada me vale,  
preciso da morte,  
ela que me cale.

ela que me cale,  
que me abafe os pensamentos,  
que me deixe dormir,  
que me deixe deitar sossegado,  
que não me obrigue a ver ninguém,  
que não me obrigue a ouvir ninguém.  
ela que me cale,  
só a morte me vale.



### A minha mãe

Autoria: Carolina Franco  
Edição: Ana Espadinha  
Ilustração: Maia Aguiar

Eu sou tal e qual a minha mãe. Percebi isto quando segurei a minha filha pela primeira vez, após sairmos do hospital. Ela estava deitada no berço, decorado com flores multicoloridas pintadas por mim noites a fim. A noite é silenciosa, melancólica, solitária, preenchida apenas pelo meu pensamento e pelo balbuciar dela. Penso, sorrio e choro por tudo aquilo que fui, por tudo aquilo que poderia ter sido e por tudo aquilo que sou e não sou.

Já há muito aceitei que este é o meu fado, mas não sei porque é que olhar para ela, com toda a sua fragilidade característica da idade, me pesa tanto. Talvez seja a inocência que ela carrega, uma inocência que eu há muito perdi. Ela faz-me questionar se me posso considerar uma boa mãe quando sou a cara chapada da minha. Cometo os mesmos erros, sigo as mesmas lições. Até a existência da minha menina, uma existência desprovida de qualquer figura paterna, tal como eu, é um lembrete dos meus fracassos.

Quando se cresce entre a espada e a parede, a percepção de desconforto muda de maneira astronómica. Sempre consegui dormir a duração inteira de um voo de oito horas com uma criança a chorar como se o avião fosse cair, esperei dezenas de vezes numa fila de três horas na alfândega como se fosse um passeio no parque, aturei anos a fio o meu chefe mal pago a gritar comigo como se eu fosse a culpada da mulher dele ter encontrado um homem mais novo. O ponto é que normalmente não tenho problemas em superar o que quer que seja – nada consegue ser tão pesado como as palavras da minha mãe e a mão dos meus padrastos (um, dois, três, tantos que não sei o nome de nenhum).

Não é surpreendente que, quando as minhas fundações, das quais sempre me orgulhei, começaram a rachar, tudo ao meu redor pareceu desmoronar-se também. O choro da criança no avião tornou-se assustadoramente semelhante ao da minha irmã, que passava horas com fome enquanto a minha mãe bebia no quarto. A espera na alfândega trouxe de volta memórias da sala de espera do hospital, quando o meu irmão atirou o carro da ponte, decerto tão cansado desta família quanto eu (pelo menos ele conseguiu escapar).

A voz do meu chefe foi-se lentamente transformando na da minha mãe, que insistia que eu nunca seria alguém na vida. A coragem, que sempre me acompanhou, vacilou. O peso das memórias pesa tanto, ou mais, que o da idade.

Eu achava que aguentava, que tinha a força para quebrar o ciclo, mas percebi o quão errada estava quando acordei no chão da sala de estar, com uma garrafa de vinho vazia ao meu lado e a minha filha a chorar no berço. Naquele dia, abracei-a, chorei e implorei-lhe perdão. Sussurrei os meus arrependimentos ao seu ouvido, na esperança de que ela fosse demasiado pequena para se lembrar, pequena o suficiente para eu ainda poder mudar.

O que começou como uma ocorrência ocasional rapidamente se tornou num evento diário. O álcool transformou-se numa presença constante e a necessidade de pedir desculpa tornou-se uma rotina matinal que eu não conseguia quebrar. Dia após dia, ela parecia cada vez mais frágil, aninhada nos lençóis, tão delicada que eu tinha medo de a pegar ao colo, como se fosse uma boneca de porcelana prestes a partir. Sentei-me ao lado do seu berço, não sei como nem quando, muito menos quanto tempo lá fiquei.



Fiquei-me por observá-la, o álcool que corria nas minhas veias deixava-me surda ao seu choro. Admirei e admirei e admirei o quão linda ela era, questionei como é que eu tinha criado uma bebé tão perfeita. Toquei no rosto dela, no nariz, nas orelhas, na boca, tudo tão pequeno e perfeitamente formado.

Se Deus existisse, a existência dela era prova

Nunca senti tanto amor no meu coração, mas esse amor foi ofuscado pelo medo. O medo de ser como a minha mãe, o medo de não ser suficiente, de a negligenciar. Quando ela adormeceu, admirei-a e admirei-a e admirei-a.

Quando a CPCJ a levou, eu percebi. O meu medo de me tornar a minha mãe foi exatamente o que me tornou nela. Só aí, sozinha com um berço vazio, é que eu percebi que era tarde demais. Eu sou tal e qual a minha mãe.

## Saudade

Autoria: Maria Moiteira  
Tradutor: Sara Sachetti Fernandes

Querida Rose,

Escrevo-te esta carta para garantir que a idade nunca me roube das nossas memórias. Já o sinto, sabes? Esconde-se em números de telefone que sei que preciso de verificar duas vezes, nos companheiros de guerra sem face. Normalmente trato-os por “camarada”. Eles acreditam que é com carinho, mas nós sabemos a verdade, Rose. Eu não me lembro dos seus nomes. Eu tento, mas é como um poço sem fim no meu cérebro: não há nada. Sinto que está à minha espera. É como um abutre, pacientemente à espera do momento certo para o ataque. Vai tirando coisas aos bocadinhos e com cautela, de modo que eu só dê conta quando precisar das memórias de volta. Mas tu não. Amor, eu não aguentaria se te levasse. Então, decidi escrever todos os detalhes sobre nós que a crueldade do tempo ainda não roubou ao teu velhote.

Conheci-te muito antes de tu me conheceres, sabias? Tu estavas sempre a ler os teus livros no jardim, mesmo ao pé de onde eu trabalhava, e, entre os meus turnos, eu ia olhando para ti, observando a tua paz e como parecias sempre serena. Dava-me conforto. Era como se tu acabasses com todas as coisas más que existem no mundo. Depois, um dia, enquanto o velho Sammy Crue tocava no meio da rua com o seu pequeno chapéu e pedia míseras moedas, sentei-me ao pé de ti. Olhaste para mim e sorriste. O sol quente batia na tua cara perfeita e lembro-me de memorizar todos os detalhes sobre ti – as tuas bochechas rosadas que já beijei tantas vezes, os teus olhos verdes, os teus longos cabelos castanhos que o cancro levou. Oh, como eu gostava que a idade me tivesse levado essa memória, mas é matreira como uma raposa e esta dor já está cravada em mim, corre pelos meus pulmões quando respiro, uma lembrança do teu doce perfume com cheiro a baunilha, aquele que nunca mais irei cheirar, aquele que te dei no nosso primeiro aniversário. Gostavas tanto dele que choraste durante horas quando a Emily o partiu, a nossa querida filha, a minha maior lembrança do nosso amor.

“Se a escolha for entre nós as duas, promete-me que escolhes a nossa bebé”, suplicaste com a tua voz rouca enquanto as minhas mãos limpavam as tuas lágrimas de dor. “Promete-me, Robert! Promete que tomas conta da nossa Emily!”

“Eu...eu prometo, amor”, respondi enquanto os médicos te afastavam de mim. Não dormi nessa noite, nem uma hora. Mas rezei. Rezei tanto, apesar de, até aquele momento, não acreditar em Deus. Implorei aos anjos que não te levassem. Na manhã seguinte, lembro-me de te agarrar com tanta força e de não parar de agradecer aos médicos enquanto segurava a nossa querida filha. Amanhã levarei-a ao altar e ela vai usar o teu belo vestido de casamento, e eu sei que ela ficará quase tão perfeita como tu estavas há sessenta anos. Só desejava que estivesse aqui para veres com os teus próprios olhos, Rose, porque a vida não brilha da mesma maneira desde que tu partiste, e não há doença capaz de me fazer esquecer disso.

Para sempre teu,  
Robert.

# SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no *Instagram*, *X* e *Facebook*.



# ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através no *linktree* no nosso *Instagram* ou em [www.jornalocola.com](http://www.jornalocola.com)

# PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal O Cola é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele! Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para [jornalocola@gmail.com](mailto:jornalocola@gmail.com)



*Associação de Estudantes / FLUL*  
*@aeflul*  
*www.aeflul.pt*

***Queres saber mais sobre O Cola? Consulta as nossas redes!***

 *@jornalocola*

 *@jornalocola*

 *Jornal O Cola*

 *jornalocola@gmail.com*

***WWW.JORNALOCOLA.COM***